



Lorena Soler¹ 

Universidad de Buenos Aires, Argentina

Juan Jesús Morales² 

Universidad Católica Silva Henríquez, Chile

Paulo Renato Silva³ 

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Brasil

As novas direitas na América Latina: ideias, atores e estratégias políticas

A crise da ordem neoliberal na passagem do século XX ao XXI e a emergência do ciclo progressista-populista na América Latina reconfiguraram os campos políticos e ideológicos. A ideia de novas direitas (assim como de novas esquerdas) se instalou no campo das ciências sociais abrindo novas e antigas questões. Na medida em que as forças de esquerda se desenvolviam, também as forças de direita se renovavam e exibiam maior presença, especialmente após a crise das experiências progressistas vividas na região. Desde 2008 se observou uma reversão da correlação de forças. Através de eleições ou mediante golpes de Estado de novo tipo, as direitas ascenderam ao poder do Estado e demonstraram novas estratégias de vinculação com os espaços políticos e institucionais. De um modo geral, segundo Fabrício Pereira da Silva (2019), é uma reação ao “excesso de povo” – com suas limitações e ambiguidades – que marcou as experiências do ciclo progressista.

¹Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Buenos Aires. Pesquisador do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (CONICET) baseado no IEALC. Professor da Faculdade de Ciências Sociais da UBA. *E-mail:* lorenamarinasoler@gmail.com

² Juan Jesús Morales Martín é Doutor em Sociologia (2012) pela Universidade Complutense de Madrid (Espanha). Desde 2016 é professor da Universidade Católica Silva Henríquez em Santiago, Chile. *E-mail:* juaniemorales@hotmail.com

³Paulo Renato da Silva é Doutor em História (2009) pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Desde 2010 é professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) em Foz do Iguaçu, Brasil. *E-mail:* paulo.silva@unila.edu.br

As forças de direita que surgiram neste contexto histórico – tanto as que permaneceram na direção dos governos como as que passaram ao campo opositor – adequaram estratégias de intervenção política, alianças sociais, discursos e formatos de representação, assim como leituras do passado e de identidades, definindo algumas características próprias. Os trabalhos que compõem este dossiê recolocam alguns desses tópicos, principalmente os vinculados com os dispositivos ideológicos, os vínculos políticos e institucionais das direitas no interior dos poderes Legislativo e Judiciário e a relação estabelecida com os atores corporativos e econômicos.

As forças de direita não são novas no mundo, tampouco na América Latina, mas adotam uma pluralidade de posições de acordo com o espaço e o tempo. Delimitando nosso recorte temporal na segunda metade do século passado, é possível diferenciar a direita ditatorial (1964-1985) da direita neoliberal (1985-2000), e depois as que chamamos de novas direitas surgiram a partir de 2000. Sob essa categoria de “novas direitas” se enquadra uma série de conceitos (direita radical, direita radical populista, ultradireita) que se refere, em síntese, a uma direita ideologicamente ambivalente, que participa do sistema democrático, mas que o tensiona a ponto de estar contra a democracia liberal (Alenda y Escoffier, 2024; Bustamante, 2023; Mudde, 2021; Zanotti y Roberts, 2021). Além disso, estas novas direitas pressionam as direitas tradicionais e seus partidos políticos, disputando a hegemonia no setor. Não obstante, entendemos “novas direitas” como uma etapa histórica das forças de direita na América Latina, iniciada com Piñera (2010-2014 e 2018-2022) no Chile; Federico Franco (2012-2013), Cartes (2013-2018) e Abdo Benítez (2018-2023) no Paraguai; Macri (2015-2019) e Milei (2023) na Argentina; Temer (2016-2018) e Bolsonaro (2019-2022) no Brasil; Lasso (2021-2023) e Noboa (2023) no Equador; Duque (2018-2022) na Colômbia; Bukele (2019) em El Salvador; Lacalle Pou (2020)

no Uruguai e os governos de fato de Añez (2019) na Bolívia e Dina Boluarte no Peru (2022).

Este dossiê se ocupa especialmente desta terceira etapa e deste heterogêneo grupo, ainda que em alguns casos aborde outros períodos históricos que inevitavelmente dialogam com o presente. Nos anos seguintes ao triunfo de Trump nos Estados Unidos, as direitas da região ganharam uma grande centralidade e radicalidade. O que a dinâmica recente expôs é que as novas direitas cresceram de modo diferente nesses países: em alguns casos se vincularam com governos como os de Piñera e Cartes (inclusive quando buscaram enfrentá-los, terminaram se articulando com eles), enquanto as direitas radicais cresceram fora dos governos ou contra eles, acusando essas administrações de não serem suficientemente direitistas ou de serem reversões dos progressismos. Assim, por exemplo, na Argentina chegou à presidência o economista Javier Milei, expoente das vertentes radicalizadas; no Chile, o advogado José Antonio Kast deixou para trás as formações tradicionais das direitas e chegou a disputar o segundo turno presidencial contra o posteriormente vencedor, Gabriel Boric; no Uruguai, finalmente, o Partido de la Gente, o Cabildo Abierto ou iniciativas como Un Solo Uruguay buscam superar a clivagem entre progressismo e centro-direita característica do sistema político uruguaio, mas com dinâmicas (e impacto) diferentes.

Por um lado, a direita apelou à representação de interesses com estratégias não eleitorais (corporações, meios de comunicação, redes tecnocráticas, centros de pensamento) e, por outro, desenvolveu movimentos eleitorais *antiestablishment* ou não partidários (candidaturas independentes que, logo após ganharem eleições, eventualmente formam partidos políticos). Este dossiê se ocupa do que alguns autores chamam de “enxame” das direitas latino-americanas (Ubilluz; Bolo-Varela, 2024), com seus enredos terminológicos e ideológicos, com suas novas variantes, mas também com suas continuidades históricas.

Seguindo esta perspectiva histórica, dois trabalhos colocam o estudo das direitas no marco da Guerra Fria e em dois espaços geográficos sobre os quais é possível analisar o peso da nação e dos intelectuais na hora de pensar os imaginários estatais. Abrindo este dossiê, André Kaysel, ***A Nação e seus Outros: o nacionalismo e a contrainsurgência no discurso da Confederação Anticomunista Latino-Americana (CAL)***, aborda as representações da nação e o nacionalismo no discurso ideológico da Confederação Anticomunista Latino-Americana (CAL) entre os anos de 1960 e 1980 para demonstrar como o discurso emitido por este organismo, combinando uma concepção organicista da nação com a Doutrina de Segurança Nacional (DSN), disputa a ideia de nação com seus inimigos comunistas, em uma conjuntura crítica em que também enfrentava o discurso em defesa dos Direitos Humanos provenientes de seu aliado tradicional, os Estados Unidos.

No mesmo espaço temporal e problematizando o peso do antisemitismo nas memórias da direita nacionalista argentina, Celina Albornoz, ***Soberania nacional e antisemitismo: as memórias da direita nacionalista argentina diante do caso Eichmann***, trabalha, a partir do caso Adolf Eichmann, as ações de agrupações juvenis como o Movimiento Nacionalista Tacuara e a Guardia Restauradora Nacionalista contra a comunidade judaica argentina. Segundo a hipótese da autora, os protestos pela violação da soberania nacional foram o principal manto que ocultou o caráter racial do antisemitismo destes movimentos, adquirindo especial relevância o antissionismo como fachada. Nas memórias elaboradas na atualidade se mostra evidente a intenção de matizar, omitir ou silenciar a própria prática da violência antisemita.

No campo das ideias e produções de sentido, se agrupam quatro trabalhos que compartilham o recorte temporal das direitas atuais. Thiago Augusto C. Pereira e Ezequiel Saferstein, ***A nova direita e os livros: autores, editoras e best sellers de direita no Brasil e na Argentina***,

analisam a produção editorial de livros dos autodenominados novos direitistas no Brasil e na Argentina, os quais geraram um segmento produtivo e lucrativo em termos editoriais, assim como repercussão em termos culturais e políticos. Entendidos como produtos culturais, comerciais e ideológicos, estes livros possuem um papel importante na consolidação de uma estrutura discursiva associada à “nova direita” nestes países. Além disso, ilustram como os mercados editoriais são responsáveis por uma renovação dos referentes ideológicos encarnados por estes autores.

Na mesma direção heurística, Juan Jesús Morales, ***Movimento libertário e profetas do mercado no Chile de hoje. As ideias de Axel Kaiser***, adentra em uma seleção de livros de venda massiva de Axel Kaiser, um dos mais destacados representantes do movimento libertário no Chile nos últimos anos. Mergulhando nas ideias mais representativas deste intelectual público e a partir da sociologia dos intelectuais e da sociologia das intervenções públicas, o trabalho problematiza como o movimento libertário no Chile está se constituindo em uma alternativa ideológica ao marxismo cultural, construindo um novo sentido comum baseado no liberalismo econômico, apelando às emoções e à educação econômica. Além disso, o artigo reflete sobre como os livros operam como dispositivos culturais que dotam de sentido e disponibilizam ideias de direita ao público.

Outro dispositivo que também se dedica a difundir as ideias de direita são as *Think Tanks*, instituições das quais se ocupa Ana Mercado em ***Think Tanks de direita como dispositivos de intervenção política durante a pandemia na América Latina: seus sentidos sobre o estado no Chile, Colômbia e Argentina***. Mercado problematiza a ideia que esse campo ideológico prega sobre o Estado frente à recente pandemia. O artigo analisa o papel desempenhado pelas *Think Tanks* de direita como dispositivos de intervenção política que mostram suas estratégias a partir da articulação entre a convocatória a especialistas, a produção e circulação

de ideias e o ativismo através das redes transnacionais que integram. A autora estuda a produção de sentidos sobre o Estado e a gestão da pandemia de Covid-19 a partir de três *Think Tanks* da Argentina, do Chile e da Colômbia, assim como a atuação de duas redes transnacionais durante o ano de 2020.

Em seguida, o estudo do comportamento do campo científico durante o governo de Jair Bolsonaro, Enzo Andrés Scargiali, ***O braço político do campo científico. a sociedade brasileira para o progresso da ciência durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022)***, explica a intervenção política no campo científico na conjuntura do governo de Jair Bolsonaro (2018-2022) no Brasil. O artigo analisa a relação entre os campos científico e político no país, reconhecendo os principais agentes políticos e econômicos que os sustentam e as políticas promovidas para a área de ciência e tecnologia. O artigo dá conta especialmente da organização e ação política do campo científico brasileiro a partir do caso da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Uma terceira seção de trabalhos agrupa estudos que observam as dimensões institucionais das direitas e seus atores corporativos. Florencia Prego, ***Judicialização da política e guerras jurídicas no século XXI. uma análise dos casos da Argentina, Brasil e Equador***, indaga e problematiza os processos judiciais no marco das guerras jurídicas contra dirigentes políticos e membros dos governos que protagonizaram os processos de mudança social que ocorreram na Argentina, no Brasil e no Equador. A autora parte da ideia de que as guerras jurídicas constituem um fenômeno próprio do século XXI e se trata de uma estratégia sustentada por mecanismos institucionais e midiáticos, a qual apela a formatos legais (sustentados no direito penal e nas regras da democracia formal) e ilegais (a partir da criação de normas de exceção) com o objetivo de condicionar os cenários eleitorais e gerar um efeito disciplinador sobre o sistema político e as dinâmicas estatais.

Na mesma dinâmica das direitas radicais e da judicialização da política, Ariel Goldstein, **Peru: transição da direita radical em direção o autoritarismo**, coloca o foco em um país escassamente estudado nas ciências sociais. O autor realiza uma análise do período compreendido entre a chegada ao poder de Pedro Castillo, sua queda e o desenrolar da presidência de Dina Boluarte, demonstrando a passagem a um tipo de governo autoritário sustentado pela direita radical, baseado no Congresso, nos militares e nos policiais. Além disso, mostra como estes grupos se nutrem também de apoios exteriores como o partido Vox da Espanha.

Finalmente, Mónica Nikolaychuk, **Direitas e ação política empresarial no setor agrícola na Argentina (2015-2019) e no Paraguai (2013-2018)**, se ocupa de um tema central para as ciências sociais: a ação política das corporações econômicas. O artigo reconstrói o vínculo entre direitas e elite econômica na Argentina e no Paraguai através do estudo da atuação político-empresarial agropecuária durante os governos de Mauricio Macri (2015-2019) e Horacio Cartes (2013-2018), demonstrando como a dimensão que determina o tipo predominante de ação político-empresarial do setor agropecuário é a direção ideológica dos governos em exercício no poder do Estado. Durante os governos populistas-progressistas o empresariado agropecuário nos países estudados intensificou sua dimensão corporativa e o conflito político, que se tornou a estratégia principal; já com a subida das direitas ao poder na Argentina (2015) e no Paraguai (2013) se priorizou a estratégia da articulação institucional no Poder Executivo através dos mecanismos de circulação de nomes da esfera privada, relegando a um plano secundário o acionar contencioso das organizações empresariais. Por fim, a resenha de Martín Rafael Duarte Penayo, **Direitas radicais, família global de direitas e Iberosfera. O papel da Vox na América Latina**, reflete sobre a obra de Ariel Goldstein, *La reconquista autoritaria: Cómo la derecha global amenaza la democracia en América Latina*, e como a direita radical

européia constrói laços e articula agendas globais com os seus homólogos de direita latino-americanos.

Concluindo, consideramos que este dossiê seja uma contribuição ao campo de estudos das direitas latino-americanas, já que os trabalhos aqui reunidos tratam de discursos, ideias, temas e tópicos que caracterizam a especificidade regional destas novas direitas. Evidentemente, são textos que também dialogam com um fenômeno mais amplo como é a radicalização das direitas a nível mundial – autores como Charles Tilly (2013) recordam que os processos de “desdemocratização” não são exclusividade de um país ou região. Em todo caso, lhes convidamos a uma leitura atenta desta série de artigos que ajudam a um melhor entendimento de forças políticas, ideológicas, intelectuais e econômicas que provocam não pouca confusão em uma já instável América Latina.

Referencias

ALENDIA, S.; ESCOFFIER, S. La nueva ultraderecha en América Latina más allá del fascismo: una agenda de investigación. **Revista de Historia Social y de las Mentalidades**, v. 28, n. 1, p. 255-290, 2024. DOI <https://doi.org/10.35588/03e7wr10>. Disponível em:

<https://revistas.usach.cl/ojs/index.php/historiasocial/article/view/6539/26005046>. Acesso em: 5 ago. 2024.

BUSTAMANTE, F. ¿Existe(n) una(s) nueva(s) derecha(s) en Chile? **Cuadernos Inter.c.a.mbio sobre Centroamérica y el Caribe**, v. 20, n. 1, en.-jun. 2023. DOI <https://doi.org/10.15517/ca.v20i1.54336>. Disponível em:

<https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/intercambio/article/view/54336/55078>.

Acesso em: 5 ago. 2024.

MUDDE, C. **La ultraderecha hoy**. Barcelona: Paidós, 2021.

SILVA, Fabrício Pereira da. **América Latina em seu labirinto: democracia e autoritarismo no século XXI**. Rio de Janeiro: Ponteio, 2019.

TILLY, Charles. **Democracia**. Petrópolis: Vozes, 2013.

UBILLUZ, J. C.; BOLO-VARELA, O. El enjambre de la ultraderecha latinoamericana. **Letras**, v. 95, n. 141, p. 4-10, en.-jun. 2024. DOI <https://doi.org/10.30920/letras.95.141.1>. Disponível em:

<https://revistasinvestigacion.unmsm.edu.pe/index.php/revistaLetras/article/view/22093>. Acesso em: 5 ago. 2024.

ZANOTTI, L.; ROBERTS, K. M. (Aún) la excepción y no la regla: la derecha populista radical en América Latina. **Revista Uruguaya de Ciencia Política**, v. 30, n. 1, p. 23-48. DOI <https://doi.org/10.26851/RUCP.30.1.2>. Disponível em: <https://rucp.cienciassociales.edu.uy/index.php/rucp/article/view/475/364>. Acesso em: 5 ago. 2024.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.228303](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.228303)

*Recebido em: 25/08/2024
Aprovado em: 29/08/2024
Publicado em: 31/08/2024*